

CADERNO DE RESUMOS

III ENCONTRO NACIONAL DE PRODUÇÕES LITERÁRIAS E CULTURAIS PARA CRIANÇAS E JOVENS

II SEMINÁRIO FANTÁSTICO E IMAGINÁRIO: REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS

MURILO RUBIÃO E SEUS ARREDORES



REALIZAÇÃO

COMISSÃO EXECUTIVA

Maria Zilda Cunha (USP)
Ricardo Iannace (FATEC/USP)
Fátima Bueno (USP)
Maria de Lourdes Guimarães (USP)
Cristiano Camilo Lopes (UPM/USP)
Sandra Trabucco Valenzuela (UAM/USP)
Maria Auxiliadora Fontana Baseio (UNISA/USP)
Ricardo Ramos (USP)
Euclides Lins de Oliveira Neto (USP)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Maria Zilda Cunha (USP)
Ricardo Iannace (FATEC/USP)
Maria de Lourdes Guimarães (USP)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Anne Begenat-Neuschäfer (RWTH Aachen, Alemanha)
Cristiano Camilo Lopes (UPM/USP)
Flavio Garcia (UERJ)
Lígia Regina Máximo Cavalari Menna (UNIP/USP)
Maria Auxiliadora Fontana Baseio (UNISA/USP)
Maria Cristina Xavier de Oliveira (USP)
Maria José Palo (PUC-SP)
Maria Zilda da Cunha (USP)
Ricardo Iannace (FATEC/USP)
Sandra Trabucco Valenzuela (UAM-USP)

COMISSÃO DE APOIO

Andrea Castellaci (USP)
Cibelle Aparecida da Silva Martins (USP)
Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann (USP)
Edna Alencar da Silva Rivera (USP)
Erich Lie Ginach (USP)
Euclides Lins de Oliveira Neto (USP)
Fabiana Corrêa Prando (USP)
Fabio Eduardo Muraca (USP)
Flávia Reis (USP)
Juliana Pádua Silva Medeiros (USP)
Leandro Ferretti Fanelli (UAM)
Lígia Regina Máximo Cavalari Menna (UNIP/USP)
Paula Leocádia Pinheiro Custódio (USP)
Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini (UNESP/USP)
Renata de Carvalho Frankenberg (USP)
Ricardo Macedo (UNIFESP/USP)
Ricardo Ramos (USP)
Selma Simões Scuro (PUCSP/USP)

REALIZAÇÃO:

Grupo de Pesquisa em Produções Literárias para Crianças e Jovens –
CNPq

Área de Literatura Infantil e Juvenil
www.plccj.wordpress.com

DOCENTES RESPONSÁVEIS:

Profa. Dra. Maria Zilda Cunha (USP)
Prof. Dr. Ricardo Iannace (FATEC/USP)



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - FFLCH



APOIO:

CEFT

Mackenzie



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
III ENCONTRO NACIONAL DE PRODUÇÕES LITERÁRIAS E CULTURAIS PARA CRIANÇAS E JOVENS

II SEMINÁRIO FANTÁSTICO E IMAGINÁRIO: REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS

MURILO RUBIÃO E SEUS ARREDORES

Data: 22, 23 e 24 de junho de 2016

Local: Universidade Presbiteriana Mackenzie - Rua Piauí, 143

RESUMOS¹

AMANDA NAVES BERCHEZ

A Mitologia Fantástica em Murilo Rubião

O presente trabalho visa a estabelecer as relações do conto muriliano "O bloqueio", que diz respeito à história do único inquilino de um prédio novo, Gérion, e às suas subsequentes (e gradativas) destruições – tanto da personagem, quanto do edifício –, com suas raízes mitológicas. Torna-se extremamente oportuno e proveitoso o estudo da mitologia e de suas aplicações em cada circunstância narrada, de modo a se observar como ela foi trabalhada em cada ocasião, bem como a relação que estabelece com o contexto em que se insere, considerando que a mitologia atua de modo simbólico às obras desse autor e altera o significado constituído às primeiras leituras. Assim, o principal objetivo que se pretende aqui é refletir sobre as relações entre o texto literário de Murilo Rubião e suas heranças oriundas da mitologia grega, sobretudo. Para mais, torna-se importante ainda refletir acerca do processo de transmissão e citação da Antiguidade em obras da Contemporaneidade (no caso, o conto de Murilo Rubião), além de examinar as releituras mitológicas realizadas por Murilo e as possíveis significações que adquirem. O trabalho em questão também aspira a colaborar com as hipóteses de percepção dos itens mitológicos, oriundos de obras clássicas, presentes na constituição do referido conto contemporâneo de Murilo Rubião, bem como o elo que se estabeleceu entre as duas épocas. Por fim, almeja-se mostrar que, com o auxílio do novo significado conferido pela mitologia, as obras de Murilo Rubião são enveredadas pela pretensão de conferir sentido à vida, à existência, pretensão a qual é conduzida pelo viés da problemática existencial, pela contraposição entre real e irreal, que, aliás, é típica da oposição entre

¹ Os textos dos resumos das comunicações foram fornecidos pelos respectivos autores.

razão e sua ausência. Daí é que aparecem a obscuridade, a subversão da ordem, o fantástico de suas criações, fazendo com que contos como “O bloqueio” pareçam, à primeira vista, indecifráveis e inteligíveis. Nesse momento, entra em cena, então, a mitologia, a qual em muito auxilia para a gênese das narrativas, atribuindo significado, desde aos grandes símbolos, como o protagonista Gérion, e até mesmo às coisas sutis, como a simbologia numérica vista por toda a extensão desse conto.

ANDRÉ LUIZ MING GARCIA

Leituras Peirceanas do Livro Ilustrado

O livro ilustrado contemporâneo e pós-moderno infantil, enquanto objeto artístico multissemiótico sustentado pelos sistemas de códigos da palavra (registros verbais), da imagem (registros visuais) e do design (projeto gráfico e diagramação), compõe-se de todos estes eixos geradores de sentido em intensa relação de sentido uns com os outros, relações que vão da redundância ao acréscimo e à contradição. Por esse fato, considera-se que o livro ilustrado infantil contemporâneo reclama, num movimento indutivo, dos dados para a teoria, uma teoria semiótica que explique como esses diferentes tipos de linguagens produzem sentidos de forma articulada. Contemplaremos, na apresentação, o estado da arte dos estudos brasileiros peirceanos do livro ilustrado com fundamentação semiótica (principalmente Cunha, Pagliarini de Souza e Santaella), ao mesmo tempo em que apresentaremos nossas contribuições para um entendimento peirceano dessa classe de objetos artísticos, dando ênfase a conceitos e reflexões como aquelas a respeito de uma progressão que vai da projeção do interpretante emocional, ao que denominaremos leitura de choque de expectativas e da apreensão articulada dos sistemas de linguagem componentes do livro ilustrado. Como corpus, apresentaremos livros ilustrados alemães de contos de fadas ("Märchenbilderbücher") contemporâneos: a versão de Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm ilustrada por Susanne Janssen, bem como aquela ilustrada por KvetaPacovská, de forma a ressaltar seus pontos comuns, estratégias de construção e interligação de sentidos e diferenças. Nesta perspectiva, considera-se o livro ilustrado contemporâneo um objeto artístico refinado ("museus de arte em casa") e repleto de sentidos e relações de sentido. Apresentaremos modelos de análise do livro ilustrado baseados no conceito de funções (seja da ilustração ou tanto da ilustração quanto do texto verbal), em comparação com o modelo de Santaella de identificar, em vez de funções, as relações entre palavra e imagem identificáveis nessas obras. Como tanto a faneroscopia quanto as classificações de signos peirceanas dependem de uma aspectualização e de contextos, não é objetivo desta apresentação fazer um levantamento exaustivo classificatório de signos.

AVANI SOUZA SILVA

“O Homem do Boné Cinzento”, de Murilo Rubião, e “Homem diTchapeudi Panamá”, Narrativa Oral Cabo-Verdiana

Para Walter Ong (1998), as narrativas orais são aquelas veiculadas oralmente, anteriormente à escrita, a partir da qual, já fixadas, passam a ser consideradas narrativas verbais. As narrativas orais, para ele, também apresentam complexidade em sua elaboração técnica e artística, o que, para nós, justifica o seu confronto com uma narrativa essencialmente literária. O boné ou chapéu, dentre outros itens de vestuário que singularizam personagens da literatura, do cinema, das artes em geral e do imaginário religioso, também estão presentes nas narrativas orais. Esses acessórios marcam indelevelmente as personagens, eternizando-as, seja no contexto sociocultural em que foram criadas (ou recolhidas), seja em espaços globalizados graças aos intercâmbios culturais e à mobilidade própria das narrativas orais. Podemos citar, como exemplos, “Chapeuzinho vermelho” ou o “O homem do chapéu de ferro”. O objetivo desta comunicação é confrontar duas personagens construídas com base em irrealidades e como ambas interferem na percepção do leitor ou ouvinte: um homem de boné cinzento, do universo ficcional, e outro de chapéu de Panamá, do imaginário crioulo. “O homem de chapéu de Panamá” integra um conjunto de narrativas orais cabo-verdianas, designadas “cosa runhe”, contadas em todas as ilhas, especialmente em São Vicente, considerada a capital cultural do Arquipélago de Cabo Verde. Coisa ruim (“cosa runhe”, em crioulo) é como são conhecidos determinados seres maravilhosos do contexto narrativo cabo-verdiano que assombam, dão lições, fazem ruindades, vingam-se de desfeitas ou simplesmente pregam sustos ou suscitam desconfianças, tais como bruxas, feiticeiras e seres monstruosos que carregam o nome de suas particularidades físicas: canelinha, capotona, catchorrone etc.

CRISTIANO CAMILO LOPES

Aspectos do Maravilhoso em Crônicas de Nárnia

Esta comunicação se propõe discutir como os aspectos do maravilhoso se apresentam na obra fílmica *Crônicas de Nárnia o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de C. S. Lewis. O intuito é comparar a obra fílmica com a obra literária e considerar semelhanças e diferenças a fim de percebermos o que é inerente a cada segmento da arte. Dessa comparação surgem questões como a discussão teológica e antropológica da literatura e do cinema, respectivamente; a configuração das personagens de acordo com o olhar te-antropológico, entre outros.

CRISTINA CASAGRANDE DE FIGUEIREDO SEMMELMANN

WW.Duplo em Edgar Allan Poe

O *doppelgänger*, do alemão, sócia, traz um dos temas mais instigantes da literatura fantástica: o duplo. A temática nos remete a questionamentos profundos sobre o eu, o outro, o real e o sobrenatural. No conto de Edgar Allan Poe, William Wilson sempre procurou levar vantagem sobre tudo e todos, dominando e humilhando os amigos desde a infância. Seu espírito usurpador, porém, é assombrado por alguém igual a ele mesmo e que o persegue por toda a vida. Segundo Todorov (2004), “é difícil decidir se este duplo é um ser humano em carne e osso, ou se o autor nos propõe uma parábola em que o pretense duplo não é senão uma parte da personalidade, uma espécie de encarnação da consciência. Fala em favor desta segunda interpretação, em particular, a semelhança totalmente inverossímil dos dois homens: têm o mesmo nome; nasceram na mesma data; entraram para a escola no mesmo dia; sua aparência e mais ainda sua maneira andar são semelhantes”. Na esfera do sobrenatural, em sua função social (assim como na literária), o personagem central traz consigo o que Todorov descreve como “transgressão da lei”: seu caráter perverso e egocêntrico desdobra-se em outro eu que o domina, do mesmo modo ele age com os outros. Como no mito de Narciso, William Wilson é destruído por si mesmo, que já não (re)conhece sua identidade. “No par maléfico que une o eu a um outro fantasmático, o real não está do outro lado do eu, mas sim do lado do fantasma: não é o outro que me duplica, sou eu que sou o duplo do outro. E o pior erro, para quem é perseguido por aquele que julga ser o seu duplo, mas que é, na realidade, o original que ele próprio duplica, seria tentar matar o seu ‘duplo’” (ROSSET, 1998). Quem o livraria desse tormento? O mesmo acaso que o trouxe? O confronto? A morte? Recorreremos à mitologia, à psicologia e à literatura para nos debruçarmos mais sobre esse ser que assombra o imaginário humano, na relação do eu consigo mesmo e no enfrentamento do medo da morte ou, mais propriamente, da não existência.

DANIELE APARECIDA PEREIRA ZARATIN E RODRIGO FAQUERI

Reverberações Rubianas no Fantástico Brasileiro Contemporâneo: um Olhar sobre a Escrita de Amílcar Bettega

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os contos “A Fila”, de Murilo Rubião, e “Exílio”, de Amílcar Bettega, desde uma perspectiva comparativa, que buscará levantar e analisar quais seriam os pontos de convergência entre ambos os textos citados. Considerado um dos mais importantes escritores brasileiros do fantástico do século XX, Murilo Rubião construiu narrativas que, por meio de um ardiloso jogo com a linguagem, rompem com o fantástico considerado tradicional, ao apresentar enredos que não se ancoram nem no suspense nem em enigmas. As narrativas rubianas, antes, inquietam o leitor ao tratar das pequenas atividades humanas, mas de maneira absurdamente hiperbólica, em que se coloca em evidência o próprio homem contemporâneo, que se vê numa espécie de aprisionamento psicológico sem fim perante a burocratização do cotidiano. Assim está construído o enredo de “A Fila”, por exemplo. Nele, temos um protagonista que precisa falar com o chefe de uma empresa, mas nunca consegue, justamente porque precisa esperar sua vez numa longa e interminável fila, onde ele fica por semanas e meses e, ao final, não alcança o seu objetivo, pois a pessoa com quem precisava falar acaba morrendo. Na esteira desta poética fantástica de Rubião, parece estar Amílcar Bettega, escritor brasileiro contemporâneo. Em seus textos, Bettega apresenta-nos um mundo regido por regras conhecidas, mas que fogem a explicações racionais. Em “Exílio”, temos um protagonista que, após muito refletir sobre a vida, resolve abandonar a sua loja e fugir da cidade de trem, porém, por mais que o trem se desloque por horas e horas, ele não sai da cidade. Para tal análise, utilizaremos como referencial teórico, quando necessário, autores que trataram do tema do fantástico, como J. P. Sartre e Rosalba Campra. Dessa forma, por meio da reflexão dessas duas narrativas, esperamos iluminar alguns caminhos interpretativos que nos ajudem a entender um pouco mais sobre o fantástico brasileiro contemporâneo.

EDISON DE ABREU RODRIGUES

Murilo Rubião: um Século de Fantástica Contemporaneidade na Insaciabilidade de “Bárbara”

O trabalho tem por objetivo ressaltar aspectos da contemporaneidade na obra de Murilo Rubião por meio de uma breve análise do conto “Bárbara”, que, além de representar muito bem a obra do autor, carrega em si o diálogo harmônico entre o fantástico e o contemporâneo. A proposta central da comunicação é homenagear este grande autor mineiro em seu centenário de nascimento, bem como ressaltar as características de sua minuciosa e pioneira produção no gênero fantástico no Brasil que, passando praticamente despercebida pela crítica literária nacional durante anos, ganha fôlego considerável neste início de século XXI, dada a qualidade de seus textos e a atemporalidade de várias temáticas abordadas ao longo dos contos. Para ilustrar nosso ponto de vista, selecionamos o conto “Bárbara”, publicado em 1945, na coluna de *O jornal*, do Rio de Janeiro, com o título “Bárbara: a gorda”. A escolha deste conto especificamente foi motivada pela observação do pertinente questionamento levantado pelo pesquisador, e especialista em Murilo Rubião, Ricardo Iannace, em seu artigo “As excentricidades de Bárbara: Murilo Rubião e o feminino”, em que ele indaga (e, ao mesmo tempo, instiga): “Mas, afinal, esse sujeito feminino de corpo inflável não desponta como *alegoria* dos tempos modernos?” (IANNACE, 2011, p. 12). Dessa forma, serão consideradas como eixo principal da análise, as principais características da personagem Bárbara e do narrador, isto é, tanto a insaciabilidade daquela quanto a subserviência deste, serão problematizados enquanto alegorias do comportamento do homem contemporâneo. Além disso, nossa comunicação também levará em conta o modo como Murilo Rubião trabalha suas metáforas, harmonizando a simbologia que as envolve com a atmosfera do fantástico, fazendo nascer daí um texto primoroso capaz de (re)alimentar tanto o imaginário infantil e juvenil, quanto o da mais especializada crítica literária contemporânea. Assim, Murilo Rubião, há um século, brinda a literatura brasileira com este gênero, cujo nome – Fantástico – não poderia atender de modo mais harmônico tanto o próprio gênero, quanto a tessitura verbal que ele construiu. Talvez o Fantástico seja o gênero mais apropriado para nos ajudar a compreender melhor a sociedade e ou o momento em que vivemos, pois sendo “o objeto da Literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano” (TODOROV, 2010, p. 92), é dessa forma que vemos a obra de Murilo Rubião na medida em que reflete com profundidade invejável o ser humano.

ELIANE DE ALCÂNTARA TEIXEIRA

O Fantástico como Caminho para a Humanização no Conto “A Menina Sem Palavras”, de Mia Couto

Nesta apresentação, buscamos analisar o fantástico na prosa de Mia Couto, especificamente no conto “A menina sem palavras”. Por meio de um texto poético, o autor constrói uma narrativa que visa a ilustrar um processo de humanização de seus personagens. O fantástico que embasa a narrativa de Mia Couto serve para transfigurar o real e mostrar o lado oculto que alimenta o imaginário dos personagens. Por meio de um diálogo, pai e filha dão à luz a outra realidade, aquela que nasce dos sonhos e que instaura não só um relacionamento familiar, que os aproxima, por meio do amor, e que os salvaguarda frente à opacidade do mundo, mas que também estrutura a identidade de cada um por meio da linguagem que, paradoxalmente, se instaura sob o signo do “não”, ou seja, a menina que não fala, mas que fala a linguagem muda dos iluminados.

ELISABETE ALFELD

Proezas do Zacarias: Os Delírios Policrômicos Contados em Palavras e no Audiovisual

O objetivo desta comunicação é apresentar algumas considerações sobre o procedimento de criação do fantástico em “As proezas do finado Zacarias”, produção audiovisual baseada no conto “O pirotécnico Zacarias”, autoria de Murilo Rubião. A abordagem parte da análise comparada entre o conto e o produto audiovisual para destacar quais foram os recursos expressivos (imagéticos e sonoros) da linguagem audiovisual que recriam o mundo fabuloso de Zacarias. No conto, Zacarias, o narrador-personagem, conta que, nas conversas de seus amigos, sempre surge a pergunta: “Teria morrido o pirotécnico Zacarias?” As opiniões sobre a sua morte são divergentes: uns acham que ele está vivo; outros, os mais supersticiosos acreditam na sua morte e que ele não passa de uma alma penada; outros, ainda, afirmam que ele morreu e que o Zacarias existente é alguém parecido com o finado. O que ninguém discute é que o Zacarias morreu, o seu corpo não foi enterrado. Tais circunstâncias levam à manifestação de Zacarias: “Na verdade morri, o que vem ao encontro da versão dos que creem na minha morte. Por outro lado, também não estou morto, pois faço tudo o que antes fazia e com mais agrado do que anteriormente”. No conto, a ambiguidade instala o insólito e motiva a dúvida. Suas proezas são construídas com os recursos expressivos da linguagem literária. Na passagem para o audiovisual, temos um outro olhar, que transforma a narrativa escrita em narrativa audiovisual; a narratividade é o eixo centralizador desse processo de recriação. Assim, na abordagem a ser

realizada, importa, também, destacar: 1. a especificidade da linguagem literária que contrasta com a natureza do audiovisual (enquadramento, movimentos de câmera, fotografia, iluminação, cenografia, trilha sonora, montagem, performance do ator, figurino); 2. o conceito de recriação como criação paralela uma vez que implica na passagem do verbal escrito para a imagem em movimento; 3. o conceito de tradução intersemiótica: da linguagem literária para a linguagem do audiovisual; os formatos ficcionais e suas modalidades de representação; a conversão midiática que aponta para as diferenças dos dispositivos de produção e de recepção do literário e do audiovisual. As considerações apresentam-se fundamentadas, principalmente, em Todorov (*Introdução à literatura fantástica*); Haroldo de Campos (*Transcrição*) e Júlio Plaza (*Tradução intersemiótica*).

EUCLIDES LINS DE OLIVEIRA NETO

Rubião e Andersen: Ressonâncias e Diferenças em Narrativa Fantástica

Propomos com esta comunicação apresentar aspectos característicos da narrativa fantástica de Murilo Rubião e de Hans Christian Andersen. Procuraremos identificar ressonâncias e “dissonâncias” em suas narrativas, a partir dos contos: “O ex-mágico da Taberna Minhota”, de Murilo Rubião, e “As flores da pequena Ida”, de Hans Christian Andersen. Da narrativa de Murilo Rubião se colhe uma personagem de cujo paletó saem urubus, enquanto das “calças deslizam cobras”; no conto de Andersen, de um coração saem senhoras que dançam ou flores que se recolhem a um castelo real vazio para dançarem. No primeiro, o tema da morte em perspectiva de início, enquanto no outro de finitude. Esses e outros elementos mais dissonantes entre si levam a pensar no fantástico em dois contextos e duas situações culturais diversas. Ambas as narrativas transitam pelo território do desconhecido marcado, como é característico, por essa categoria textual fantástica. Ou seja, são marcadas pelo sobrenatural, pelo extranatural, pelo inexplicável, conferindo ao fantástico, nessas narrativas, outras relações na composição dos gêneros literários afins. De fato, para o entendimento do fantástico nórdico, esse se desenvolve na distinção entre fantástico e sobrenatural (Mundal, 2014); enquanto para o fantástico hispânico, de Roas (Roas, 2014), esse “gênero” seria entendido como categoria fantástica que tem como “ingrediente” o sobrenatural, como é presente na narrativa de Murilo Rubião. Assim, investigaremos como os contos de Rubião e de Andersen tratam o sobrenatural para chegar ao fantástico como categoria. Uma narrativa poderá desembocar no maravilhoso, inclusive pelo recurso do sonho, como elemento presente na narrativa. O sonho também pode ser visto como captador e/ou revelador de uma realidade vivível, tornando-a perceptível por meio de símbolos. Enquanto a outra, no fantástico

mais tendente ao estranho, pela sua origem e pelo seu caráter alheios às leis naturais (Furtado, 1980). Por fim, Rubião e Andersen, cada um ao seu modo, tratam do tema do fantástico com nuances que são permeadas por ações, personagens e captação ou revelação do sobrenatural que conduz aos arredores do fantástico como categoria literária.

FERNANDA MARQUES GRANATO

O *Nonsense* Revisitado: A Estética de Ruptura de Edward Lear em Diálogo com o Contemporâneo de Renato Pompeu em *Quatro-olhos*

Nesta apresentação, visamos resgatar o conceito do gênero *nonsense*, com a finalidade de testar a hipótese de um possível diálogo entre textos de duas obras de características e épocas distintas: *Viagem numa peneira*, de Edward Lear (1846) e *Quatro-olhos*, de Renato Pompeu (1976). Os estudos realizados permitem comprovar que, entre os textos analisados, existem traços que possibilitam não apenas aproximá-los, mas também realizar uma reinterpretação do gênero *nonsense* no contexto da contemporaneidade literária. Para o desenvolvimento do trabalho, elegemos alguns teóricos que dão suporte à análise das obras ficcionais. São eles: Aristóteles (2011) e Croce (1995), sobre gênero; Sewell (1952), Stewart (1978), Ede (1987) e Tigges (1988), sobre *nonsense*; Huizinga (2010), sobre o lúdico e o jogo; Watt (2010) e Lukács (2009), sobre a teoria do romance; Nikolayeva (2011), sobre a ilustração; Pignatari (2011) e Huxley (1948), sobre a poesia; e Agamben (2009), sobre o contemporâneo. A partir de uma retomada histórico-conceitual, nossa atenção volta-se para a perspectiva de comprovação da hipótese sobre o gênero *nonsense*, sua ligação com a era vitoriana e as reverberações que o referido gênero traz para a nossa contemporaneidade e, em especial, para o romance de Renato Pompeu, deixando como saldo a tendência para a fragmentação narrativa. A obra de Lear foi traduzida para diversas línguas e até hoje é motivo de visita de teóricos e de leitores, sejam eles crianças ou adultos. Suas ilustrações, inovadoras para a época, encontram pontos de contato com o contemporâneo, representando o imaginário e expressando, criativamente, as possibilidades de sentido. A obra de Pompeu, além de habitar o gênero de romance psicológico e de propormos a sua leitura como obra *nonsense*, também representa o gênero da autoficção, pela criação da ficção autobiográfica e pela desestabilização da figura do autor, do protagonista e inclusive do leitor, que se vê em meio à narrativa *nonsense*, que propõe um novo olhar, um olhar do estrangeiro.

GEISY NUNES ADRIANO

A sombra que Logo Sou – A Seguir: O Fantástico em *O Feiticeiro e A Sombra*, de Ursula Le Guin, e *Contos de Terramar*, de Goro M.

Este trabalho tem por objetivo analisar a criação do fantástico a partir do tema da perda da sombra e do duplo no filme *Contos de Terramar*, de Goro Miyazaki, e no romance *O feiticeiro e a sombra*, de Ursula K. Le Guin, primeiro título do Ciclo Terramar. O filme *Contos de Terramar*, dirigido por Goro Miyazaki, filho do ilustre Hayao Miyazaki, é uma adaptação da tetralogia escrita por Ursula K. Le Guin. Narra-se a história do príncipe Arren, auxiliado em sua fuga da sombra (ou do outro eu dentro em si) por Gued, um arquimago andarilho. O livro *O feiticeiro e a sombra*, por sua vez, fala da iniciação de Gued (conhecido por Gavião) no mundo da magia e dos desafios que enfrenta após libertar uma negra e pérfida sombra sobre o mundo de Terramar. Tais livros são comparados a clássicos, como *Narnia*, de C.S. Lewis, ou *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien. Para fins de análise, serão debatidos aspectos do gênero literatura fantástica, a fim de melhor compreender os principais processos utilizados pelos autores no corpus escolhido. Ademais, são apontadas algumas questões sobre a teoria do duplo e da sombra, inclusive a partir de um breve levantamento sobre um ponto da psicanálise no ensaio “The Child and The Shadow” (Le Guin, 1971); além disso, retomaremos uma reflexão sobre a literatura fantástica, sintetizada por Ursula K. Le Guin na metáfora do dia e da noite - o fantástico, proveniente do inconsciente, está para a linguagem da noite; tal como o realismo tradicional, fruto da racionalidade, à linguagem do dia. Estuda-se, dessa forma, como o encontro do eu com o alter se desvela graças às infinitas possibilidades abertas pelo discurso fantástico na literatura.

GLESSIA JULIANY BRASILIANO VERAS

Murilo Rubião e Dias Gomes: “Saramandaia” – Fantástico e Retextualização

Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma análise sobre a possibilidade de considerar a personagem Dona Redonda, da obra *Saramandaia*, de Dias Gomes, como uma forma de retextualização da personagem-título do conto *Bárbara* de Murilo Rubião. O conceito de retextualização refere-se a um tipo de processo tradutório cuja ênfase é a criação de um novo texto a partir de um texto prévio, o qual traz o passado para o presente, ao mesmo tempo em que lança possibilidades futuras para a construção de novos textos (PLAZA, 2008). A ideia de tradução como obra que se renova ao ser reapresentada ao momento presente já havia sido anteriormente aventada por outros teóricos, dentre os quais se destacam Thomas Stearns Eliot (1919), Walter Benjamin

(1923) e Jorge Luis Borges (1951). Aliada à noção de retextualização, discutimos o conceito de dialogismo intertextual, emprestado de Robert Stam (2000), segundo o qual todas as formas de texto são intersecções de outras faces textuais, isto é, são traduções ou reescritas que dialogam entre si, gerando uma ampla rede dialógica, em todos os sentidos. Sendo o objetivo deste trabalho analisar, identificar e traçar uma reflexão a respeito de questões que unem essas obras por similaridade, observando a relação entre elas expressa por meio do fantástico, também serão utilizadas as discussões teóricas de Jorge Schwartz (1981), que auxiliam na compreensão da construção literária dos contos de Murilo Rubião, bem como alertam para as particularidades das personagens e seus contextos em cada um dos contos. Além disso, para conceituação do fantástico, serão utilizadas as ideias dos críticos e teóricos Tzvetan Todorov (2008) e David Roas (2011), que têm se dedicado ao estudo desse gênero. Essa análise pretende identificar e traçar uma reflexão a respeito das questões que unem essas obras por similaridade, observando a relação entre elas expressa por meio do fantástico. Esse trabalho se propõe a estudar de que forma a personagem Bárbara, do conto com o mesmo nome, de Murilo Rubião, é traduzida no mundo ficcional de Saramandaia por meio da personagem Dona Redonda, que a reestrutura, mesmo sem perder a proposta de sua “precursora”.

JACK BRANDÃO

Harry Potter e as Imagens Fantásticas do Medievo

Muito se disse (e ainda se diz) a respeito da saga *Harry Potter*, de J.K. Rowling: alguns a favor, outros contra. Aquilo, porém, que têm em comum é a paixão com que se expressa essa escolha: parece que o único consenso a seu respeito é o fato de não haver em sua discussão um meio termo: ou é amada ou odiada, o que demonstra uma perigosa vertente para a intransigência. Isso fica ainda mais evidente, quando se procura ler parte do que foi, por exemplo, postado na internet a seu respeito: de uma “apologia ao satanismo”, passando pelo “ocultismo” e pelo “paganismo”, até se chegar ao extremo de comparar o protagonista da série a um messias, a Jesus, por exemplo. Esquece-se, porém, que parte das imagens ditas “diabólicas” presentes na obra – dragões, unicórnios, bruxos, poções mágicas ou pedra filosofal –, provêm de uma fonte mais antiga, inclusive da riqueza cultural da Idade Média. Assim, o que se pretende com essa apresentação é esclarecer certos aspectos do medievo, como o maravilhoso, os bestiários, a alquimia e o fantástico, presentes, de modo especial, no primeiro volume da saga de Rowling.

JOANA MARQUES RIBEIRO e JULIANA PÁDUA SILVA MEDEIROS

Seguindo o Coelho: Reflexões sobre Processos de Metamorfose na Construção da Narrativa Fantástica

O presente trabalho propõe – por meio de uma análise comparativista entre o romance *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, e o conto “Teleco, o coelhinho”, de Murilo Rubião - observar a representação da figura do coelho, como mola propulsora de processos de metamorfose, vividos por uma menina em busca de sua identidade e por um “moço” cuja autoimagem se põe em questão, respectivamente. Dessa forma, à luz de recentes pesquisas sobre o fantástico, enquanto instância de compreensão da realidade, discorrer-se-á acerca do exercício constante de renovação de si mesmo, como uma experiência de significação e ressignificação do eu diante do mundo.

JOAQUIM JOÃO MARTINHO

O Animismo no Conto Africano de Língua Portuguesa - Caso de Angola e Moçambique

O presente texto tem como objectivo provocar a discussão sobreo animismo africano – cunhado por Harry Garuba - nos contos “Maka na Sanzala” (Mafuta), de Wanhenga Xitu e “O Apóstolo da Desgraça”, de Nelson Saúte, sendo escritores de Angola e Moçambique, respectivamente. Sob o olhar consciente de que os lócus enunciativos dos textosacessam o mundo animista africano, dentro de um contexto também africano, procura-se, modulado no comparativismo literário, discutir como tais lócus enunciativos não só explicitam o *proprium africanum*- cunhado por Honorat Aguessy -, mas, acima de tudo como, numa espécie de rizoma, dependem, acentuadamente, desse desiderato para a sua(sobre) vivência na realidade ficcional, anulando, desse modo, a fronteira entre o real e o imaginário. Assim, pretende- se fornecer subsídios paraa análise e compreensão deste microssistema literário de língua portuguesa, ancorando- se no pressuposto de que o animismo não constitui nem gênero, muito menos uma categoria estética, porém, cosmovisão e filosofia de vida africanas.

JOSÉ FLÁVIO DA PAZ

Murilo Rubião: Insólito, Antropofágico e Surrealista

A presente comunicação objetiva refletir e reforçar a importância do escritor Murilo Rubião para a Literatura Brasileira e, em especial à Literatura Infantojuvenil contemporânea, dada a preocupação em atender as especificidades desse público, vitimado por recursos midiáticos, nem sempre preocupados em elucidar fatos, criar e usar positivamente as mentes infantis. Os escritos de Murilo Rubião apresentam-se com sagacidade e interesse em propiciar o leitor uma viagem de possibilidades, resoluções e criações diante dos problemas sociais cotidianos, sem medo de jogar com a sabedoria e a inteligência do leitor, pois domina muito bem as ferramentas que só um insólito conhece. Esta comunicação se sustentará em um tripé de adjetos que caracterizam o escritor Murilo Rubião: insólito, antropofágico e surrealista. Insólito porque seus contos se classificam em um universo de estranhezas, do fantasioso e do maravilhoso, elementos essenciais que envolvem qualquer leitor atento e interessado na página que vem a seguir. Nesse contexto, a criança é abduzida e sedenta dessa fonte. A curiosidade é a peça chave dessa intenção conduzida pelo autor em estudo; antropofágico por não ser nada convencional, possibilitando uma (re)leitura dos seus personagens e lhes propiciando condições que, na maioria das vezes, reforça o interesse do receptor, uma vez que este, uma vez consciente da realidade, utiliza dessa leitura para trilhar outros rumos que não o sistêmico e o rotineiro que torna a vida quase que numa rotina, chata e tensa; e, talvez por isto, torne Murilo Rubião - surrealista, pois seria aquele que se encontra além do real, portanto, liberto do domínio do pensamento racional e explorador com grandiosidade, sabedoria, inteligência e intencionalidade o sonho, o inconsciente e a imaginação do leitor. Para se alcançar os resultados esperados, utilizar-se-á da metodologia comparativa entre alguns contos de Murilo Rubião, além do pensamento de Tzvetan Todorov (1975), quando da concepção de insólito; conhecimentos discursivos do Movimento Antropofágico do Brasil, iniciada pelas reflexões de Oswald de Andrade, ainda na década de 20, do século passado; e dos princípios do surrealismo, a partir de Breton (1924).

LÍGIA REGINA MÁXIMO CAVALARI MENNA

(Re)leituras do Maravilhoso: “Rainha da Neve”, de Hans C. Andersen, e seus Diálogos com a Atualidade

O conto “Rainha da Neve” (*Snedronningen, The Snow Queen*) foi publicado, inicialmente, em 21 de dezembro de 1844, no primeiro volume dos *Novos Contos de Fadas*, de H. C. Andersen. De estrutura peculiar, longo e dividido em sete partes, o conto apresenta uma variedade de referências, tanto da cultura nórdica e pagã, como da estética romântica e do cristianismo. Desde sua primeira versão até a atualidade, esse conto permanece em constante diálogo com as mais variadas produções culturais (animações, filmes, ficções de fantasia, videogames, *fanfiction*, ópera, teatro, espetáculos de dança), nas quais se pode observar a reiteração da figura ambígua e misteriosa da bela rainha de cabelos platinados no imaginário de um público-alvo de diferentes idades. Esta comunicação tem por objetivo apresentar o início de uma pesquisa que visa verificar a reconfiguração do maravilhoso por meio de diferentes releituras desse conto na atualidade.

LÍVIA GALEOTE

Morte e Fantasmagoria do Espaço: Aproximações entre Murilo Rubião e Italo Calvino

Uma marca do gênero fantástico do século XX é o conflito básico entre a representação da realidade pela linguagem e a realidade extratextual em si, como teorizado por Alazraki e Roas. Podemos aproximar por meio de uma perspectiva comparatista as obras de Calvino e Rubião com vistas ao aspecto simbólico contido na condição paradoxal envolvendo a ambiguidade de vida e morte do personagem Zacarias, no conto “O pirotécnico Zacarias”, e nas descrições de cidades impossíveis, em *As cidades invisíveis*, de Calvino. As narrativas apontam para a irrupção do fantástico como ameaça à estabilidade do real, sugerida pelo aspecto metaficcional dos textos e, por isso, para a consequente problematização da existência humana segundo a ordem natural do mundo contemporâneo.

LUÍS EDUARDO LOPES GONÇALVES

O Tema da Metamorfose no Conto "Alfredo", de Murilo Rubião

A figura da metamorfose é uma constante dentro da obra do escritor mineiro Murilo Rubião (1916-1991). Seja na transformação do homem em elementos da natureza, seja na sua completa desfiguração em criaturas bestiais e em conceitos abstratos, as metamorfoses são representações fundamentais para o universo fantástico traçado pelo autor. A partir da breve análise do conto "Alfredo", pretende-se discutir a importância desse tema como chave de interpretação de sua obra e a correlação que ela estabelece com a tradição do fantástico ou do sobrenatural. Devido à sua força simbólica, metafórica por excelência, parte da crítica tende a interpretá-las de maneira alegórica, buscando o fundo mascarado pela reiteração dessa imagem. A outra parte, porém, enxerga nelas apenas um mecanismo de repetição dos meios composicionais e de valorização da forma típica da literatura fantástica do século XX, como, por exemplo, a de Franz Kafka. No entanto, vale ressaltar o vínculo estabelecido entre as metamorfoses no conto de Murilo e aquelas encontradas nos contos de fada, no folclore, nos mitos, nas fábulas e no conto fantástico tradicional do século XIX, diálogo proposto, por exemplo, na oposição entre o personagem Alfredo e a figura do lobisomem. Nesse conto, o leitor acompanha a busca de um homem pela criatura que, com seus gritos estrondosos, vem tirando o sono e a tranquilidade dos habitantes de uma pequena cidade. Por não acreditar, como sua esposa, que sejam uivos de um lobisomem, o protagonista dá início a uma caçada que resulta no encontro com Alfredo, seu irmão metamorfoseado em dromedário e responsável pelos urros. Uma das questões apresentadas pelo conto é, portanto, a falta de espanto do narrador ao ver seu irmão transformado em animal - última de várias outras metamorfoses pelas quais ele passou - ante seu ceticismo em relação às crendices de sua esposa e à possibilidade da existência de lobisomens, personagem folclórico tão presente e tão enraizado no imaginário ocidental. Tal conflito será pormenorizado na comunicação, a fim de se esboçar possíveis interpretações e respostas.

MAÍRA APARECIDA REIS COSTA

O Fantástico nos Dragões Murilianos

Tendo em vista o fato de as narrativas fantásticas povoarem o imaginário humano desde a antiguidade, passando por diversas transformações ao longo dos séculos, a presente pesquisa tem como finalidade refletir sobre as principais características desse tipo de literatura, principalmente no que diz

respeito às manifestações do fantástico na América Latina. Ao analisarmos o panorama em que tal gênero literário se consolidou, refletiremos sobre o fantástico no Brasil e sobre a importância e competência de Murilo Rubião ao renovar o cenário literário nacional pós-guerra. Para isso, analisaremos o conto “Os Dragões”, publicado em 1965, e examinaremos a singularidade da narrativa de Murilo Rubião, uma vez que a especificidade de sua contística não se dá apenas pelo fato de o escritor trabalhar o estranho e o insólito, mas sim em virtude de Rubião resgatar os mitos e as leituras fantásticas e bíblicas que fez durante a infância. Além disso, observaremos o papel do estranhamento na ficção muriliana, considerando que tal aspecto é elemento-chave para a devida leitura sobre a manifestação do fantástico no conto. Em “Os Dragões”, as personagens, de maneira passiva, tendem a aceitar o estranho surgimento desses animais que cospem fogo. Ressaltamos que esse aparecimento, ao romper com as leis da realidade, fazendo com que o onírico e o misterioso alterem o ambiente no desenrolar da narrativa, acaba por revelar comportamento singular das personagens diante do inusitado. Ao carregar a paisagem urbana de simbologias, o escritor dialoga com os absurdos do cotidiano e com as intempéries humanas. Logo, não é sem razão que, ao publicar, em 1947, sua coletânea, o contista tenha causado certa perplexidade no leitor de então, por promover, no final da década de 1940, uma literatura única, que não deixou seguidores. E qual é a literatura de Rubião? Talvez a narrativa que nos legou seja um resgate da magia e da fantasia do que está além da rotina – rotina que aprisiona e encarcera o indivíduo.

MARCELITA NEGRÃO TRINDADE VILELA

O Grotesco e a Fantasia em “De morte!” e “A noiva Cadáver”

Este trabalho tem como principal objetivo mostrar como se compõe o grotesco e a fantasia no livro infantil *De morte! Um conto pagão do folclore cristão* (1992), escrito por Ângela Lago e, no filme *A noiva cadáver* (2005), produzido por Tim Burton. Para tanto, busca-se também, apresentar como a morte é encarada na cultura ocidental bem como se configura ficcionalmente nas narrativas literária e fílmica em questão.

MARIA AUXILIADORA FONTANA BASEIO

Imaginário, Fantástico e seus Diálogos em “A Casa do Girassol Vermelho”

Sabemos que Murilo Rubião opera com o fantástico de maneira pouco usual para seu contexto de produção, revelando um imaginário de múltiplos diálogos com o social, com o político e com o estético. Seus contos trazem reflexões sobre problemáticas do momento em que se inserem e ampliam-se, incursionando para indagações outras, inclusive sobre o próprio processo criativo. “A Casa do Girassol Vermelho”, com seus imensos jardins e longe da cidade e do mundo, lugar onde reina, em abundância, a alegria natural e a energia sensual, metaforiza, em jogo inusitado de linguagem, a complexa dialética entre a condição do extremo aprisionamento do homem e o pleno sentimento de libertação. Neste trabalho, discutiremos as relações entre imaginário e fantástico nesse conto muriliano a partir das teorias de Bachelard, Eliade, Durand, como suportes para a análise dos aspectos do imaginário, e David Roas para o aspecto do fantástico.

MARIA DE LOURDES GUIMARÃES

Maldições Ecoando Ausências em “A Pata do Macaco”, de William Wymark Jacobs, e *Vinil Verde*, de Kleber Mendonça

A maldição é um importante elemento explorado tanto na literatura, quanto no cinema de horror. Neste trabalho, vamos destacar como esse tema presente no conto “A Pata do Macaco”, do escritor inglês William Wymark Jacobs, e no curta-metragem *Vinil Verde*, do cineasta brasileiro Kleber Mendonça Filho, intensifica a sensação de medo e tensão, ao mesmo tempo em que amplifica ausências. De acordo com o Dicionário *Michaelis* (2015), o termo maldição, que se origina da palavra latina *maledictionem*, significa: “ato de amaldiçoar ou de maldizer; desejo expresso de algo ruim contra alguém; castigo divino; praga; qualquer coisa que cause incômodo ou faça mal”. Nas duas obras analisadas nessa comunicação, vamos nos deparar com objetos que carregam algum tipo de maldição. Em “A Pata do Macaco”, de William Wymark Jacobs, quem portar a misteriosa mão do macaco pode realizar três desejos, mas a concretização de cada vontade se dá por vias inesperadas e com sombrias consequências. Já no curta *Vinil Verde*, um disquinho infantil aparentemente “inocente” pode provocar ações maléficas na vida das personagens. A forma como essas maldições são configuradas no conto e no curta-metragem repercutem ausências, vazios esses que, na literatura ou no cinema, podem ser representados de inúmeras maneiras, como o silêncio, a solidão, a melancolia, incluindo tanto as perdas físicas, quanto as psicológicas. Nas obras que são objetos de estudo desta comunicação, a incomunicabilidade e a perda física

são questões centrais nos enredos e alicerçam as consequências nefastas vividas pelos personagens. A presente comunicação também procura destacar como cada suporte vai revelar esses vazios por meio de seus recursos estéticos próprios.

NERY NICE BIANCALANA REINER

O Fantástico em Marina Colasanti

Marina Colasanti, nascida na Etiópia, chegou ao Brasil ainda menina. Aqui estudou, tornou-se jornalista, ilustradora, tradutora, escritora, poetisa. Escreveu vários livros para o público infanto-juvenil, como *Uma ideia toda azul*, que traz, ao presente, estórias antigas como contos de fadas, princesas, unicórnios, mulheres que tecem, que bordam. Nosso trabalho tem como objetivo analisar o conto intitulado “Além do Bastidor”, publicada em 1979, na obra citada, procurando o fantástico. A pesquisa contará com o apoio teórico de Tzvetan Todorov, Gilbert Durand, Mircea Eliade, Chevalier e Gheerbrant e outros.

OSCAR ANDRADE LOURENÇÃO NESTAREZ

“Ligeia”, de Edgar Allan Poe: o Fantástico e o Fantasmático na Literatura

O presente trabalho busca encontrar, por meio da leitura crítica de “Ligeia” (1838), de Edgar Allan Poe, possíveis relações entre os procedimentos do fantástico literário e a operação fantasmática. Tal operação foi descrita pelo filósofo italiano Giorgio Agamben na obra *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*, de 1975. O texto evoca o pensamento de Platão e Aristóteles, que definem como “fantasmas” as impressões deixadas na “cera” da memória pelos sentidos – sobretudo a visão -, e que lá permanecem mesmo depois que os sentidos se desativam. Partindo de uma definição cognitivo-imaginária do fantástico embasada por teóricos como Remo Ceserani (*O fantástico*, 1996) e Irène Bessière (*Le récit fantastique – la poétique de l’incertain*, 1974), esta pesquisa pretende revelar, no texto de Poe, de que formas a produção de fantasmas pela imaginação participa da constituição do fantástico. E mais: ao investigar a natureza fantasmática do texto, propõe-se uma reflexão sobre própria criação literária. Assim, constatar-se-á que, em “Ligeia”, o modo literário do fantástico se relaciona com os fantasmas imaginativos em dois níveis: de enredo e enunciação. Quanto ao enredo, demonstrar-se-á que o fantástico se revela mais evidente, na medida em que a narrativa reúne inúmeros

operadores considerados característicos do modo literário em questão: a ambientação noturna, o retorno dos mortos (fantasma gótico), o duplo, a teatralidade e o horror. Já em relação à enunciação, ver-se-á como os fantasmas produzidos pela imaginação emanam da composição narrativa de Poe; como o caráter fantasmático do discurso se realiza por meio das dobras de “eus” refratados em jogos de luz e sombra, bem como por meio da busca fracassada pela descrição exata, pois, para além do desejo de retorno da personagem-título, tais tensões se referem, também, ao próprio discurso do narrador-autor – que parece empreender, por sua vez, uma impossível batalha contra a morte não apenas de sua amada, mas da representação.

PATRICIO DUGNANI

O Último Mistério de Poe: Debates Criativos

Este texto tem o objetivo de apresentar o processo de criação do conto “O Último Mistério de Poe”, retirado do *Livro dos Labirintos*, de Patricio Dugnani. A escrita desse autor busca criar enigmas por meio de narrativas que se desenrolam em efeitos ilusórios para confundir o leitor. As histórias costumam misturar ficção e realidade, as quais vão se confundindo, para que o leitor se perca e fique questionando aonde começa a história e onde termina a verdade. Além disso, efeitos como o *miseenabyme* (em que as narrativas vão se interpenetrando e criando miasmas, como corredores que se entrecruzam e dificultam a leitura), o uso de citações, intertextualidades, e o uso do discurso científico, entre outros efeitos, são comuns nos contos desse autor que, inspirado, principalmente, em autores como Jorge Luis Borges, Franz Kafka, Ítalo Calvino e Edgar Allan Poe, produzem os efeitos e estruturas labirínticas, por isso o título: *O Livro dos Labirintos*. Nesses debates, a visão das análises de Ricardo Píglia, em torno da duplicidade da escrita do conto, comparada às estruturas labirínticas de Borges, possibilitam exemplificar e desvendar as estratégias de Dugnani, das quais pode-se destacar: a intertextualidade, baseada na visão de Roland Barthes e Leda Tenório da Motta, a qual o teórico francês define como o cruzamento de culturas e referências. Além da intertextualidade, é comum na obra do autor o uso de referências de notícias de jornais e revistas para dar uma impressão de realidade à ficção, além de utilizar elementos do discurso tipicamente científico como, por exemplo, citações e de normas científicas. Pretende-se, com esse texto, conhecer melhor as estratégias da criação do autor, bem como entender as estratégias típicas da produção do conto fantástico de autores como Poe, Calvino, Kafka, Borges, Cortázar, Murilo Rubião, os quais acabam por se utilizar de estruturas semelhantes em suas criações. A metodologia desse trabalho é teórica e exploratória, pois busca fazer o levantamento da bibliografia relativa ao conto, e analisar as estratégias utilizadas pelo autor do *Livro dos Labirintos*.

PEDRO PANHOCA DA SILVA

O Livro-Jogo como Atrativo à Literatura Fantástica

“Nada melhor do que aprender brincando”, talvez o melhor lema para a seguinte aplicação de leitura para jovens iniciantes. O presente trabalho dispõe-se a analisar uma possibilidade de introdução e mudança no hábito de leitura de crianças e jovens leitores por intermédio da leitura não-linear, a qual é promovida pelos livros-jogos, versões simplificadas dos jogos de RPG, tão adorados pelo público-alvo, o qual os conhece, unidas à literatura fantástica e/ou (boas) adaptações da mesma, apresentadas em livros e endereços eletrônicos, para que se facilite a assimilação de conteúdos e interesses nesse tema, além de mostrar ao iniciante - jovem - leitor o quão prático pode ser o seu aprendizado e suas contribuições para a sua formação como ser pensante. Mesmo com um acervo em língua portuguesa reduzido, se comparado ao norte-americano e ao europeu, novas empreitadas independentes podem ser executadas por alunos e jovens escritores para suprir essa falta de títulos. É tornando o ambiente do Ensino-Aprendizagem em algo prazeroso, agradável e descontraído, capaz de instigar a curiosidade, a pesquisa e a produção original no leitor, que o fará pensar estar se divertindo – e de fato pode estar - enquanto estará, além disso, aprendendo, de forma inovadora e muito mais atrativa, tudo o que seria mais dificultoso. Isso nos incentiva a refletir sobre os antigos métodos de leitura e se os mesmos ainda podem ser válidos e eficazes devido à situação socioeconômica e cultural das diferentes camadas da sociedade. Conhecendo a contribuição dos livros e jogos aos jovens, conhecemos sua real proposta, a qual muitas vezes, é erroneamente prejudicada por quem não entende do assunto. Baseado em propostas e pesquisas de outros estudiosos do tema e pesquisas próprias, veremos o que aqueles que buscam entrar em contato com tal desafio ganham com tal leitura e seus futuros benefícios, além de praticar a leitura como tradição fundamental para que se desenvolva o espírito crítico, cognitivo e produtivo. Exemplos de atividades podem ser facilmente encontrados nas referências bibliográficas deste trabalho, pelo fato de este espaço ser um local de relatos e sugestões do que já foi testado e comprovado, com bons resultados finais.

PENÉLOPE EIKO ARAGAKI SALLES

O Fantástico em *o remorso de baltazar serapião*, de Valter Hugo Mãe

A violência contra a mulher, que esteve sempre presente ao longo da história, caracteriza-se por ser questão que permanece recorrente na sociedade atual. O presente trabalho pretende analisar como a violência contra mulher é construída no romance do escritor português Valter Hugo mãe, *o remorso de baltazar serapião*, tendo como ponto de partida a perspectiva do agressor, no

caso o narrador-protagonista, Baltazar Serapião, e investigar se os elementos fantásticos presentes na obra são utilizados como estratégias formais e estilísticas para ressaltar a violência contra a mulher. O texto *o remorso de Baltazar Serapião*, romance vencedor do prêmio José Saramago em 2007, trata das memórias de Baltazar Serapião, um jovem simples, brutalizado pelas condições precárias de vida, que almejava, ardentemente, conquistar o coração da bela Ermesinda, sua grande paixão de adolescência. Depois de terem se casado, Ermesinda foi obrigada a trabalhar na casa do senhor de Baltazar, Dom Afonso. A partir desse momento, a vida conjugal deles tornou-se um martírio. Cego de ciúme e certo de que sua mulher o traía com seu senhor, Baltazar passou a empregar a violência física contra ela. Apesar de a obra literária estudada ser uma obra contemporânea (*o remorso de Baltazar Serapião* foi publicado em 2006), temos que considerar que a história evoca um período longínquo no tempo, que se assemelha à Idade Média, e remete a relações entre senhores e servos, homens e mulheres. Relações em que a concepção de igualdade social entre os sujeitos não existia. Por meio do relato de Baltazar Serapião, entramos em contato com um universo peculiar em que os mandos e desmandos dos senhores, os abusos e a exploração sexual pelos homens, a violência e a opressão contra as mulheres são recorrentes e ganham contornos absurdos e cruéis. Para analisar tais aspectos, partimos dos estudos de Tzvetan Todorov e de Jaime Alazraki sobre o fantástico e neofantástico.

PRISCILLA BARRANQUEIROS RAMOS NANNINI

Olhares sobre Alice, Desvelando a Visualidade

Na concepção de Tzvetan Todorov, os conceitos de fantástico, maravilhoso e estranho têm tênues liames que os unem e características específicas que os tornam distintos. Pensando nessas sutilezas que separam e unem cada conceito, como esses termos são representados visualmente? A proposta dessa comunicação é demonstrar como aparecem a relação palavra e imagem sob a perspectiva do fantástico e do maravilhoso, pensando a leitura das imagens a partir das definições de Todorov e David Roas. Além de pensar essa representação visual no universo contemporâneo, como ocorre a desconstrução dessa forma de representação estabelecida? Os conceitos e definições de neofantástico e o pós-moderno foram construídos a partir da leitura dos autores Pierre Lévy, Anna Barros e Diana Domingues, entre outros. Como recorte para essa apresentação, foram selecionadas diferentes ilustrações desenvolvidas por artistas e/ou ilustradores de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do Espelho*, que serão usados como corpus para a leitura visual.

RICARDO MACEDO

A Criação de Histórias em Quadrinhos: Contos Fantásticos de Murilo Rubião

A partir da leitura de alguns contos de Murilo Rubião, como por exemplo: *Teleco*, *o coelhinho*, *Bárbara* e *A noiva da casa azul*, o artista/quadrinista Ricardo Macedo construiu HQs, pinceladas especialmente em aquarela, que, por se tratar de uma técnica dos altos quadrinhos, proporciona uma estética muito especial, transfigurando um efeito fantástico, por meio das cores e manchadas transparentes que a tinta proporciona. Tal técnica de pintura de quadrinhos já foi usada em trabalhos de vários quadrinistas de renome. Podemos citar Alex Ross, da *DC Comics*, que usou os efeitos da aquarela na construção de heróis das narrativas sequenciais norte americanas. Não obstante, estas HQs também poderão ser lidas e usadas como *storyboard* sem curtas de animação, onde se pretende dar vida a alguns personagens, que, sem dúvida nenhuma, são intrigantes e fantásticos construídos a partir da imaginação de Rubião.

ROSELI GIMENES

Brás Cubas e Teleco: O Delírio da Morte

Considerando as teorias de Todorov (2008) a respeito da Literatura Fantástica, que trabalha a hesitação no leitor que acompanha o personagem-narrador da história, Brás Cubas, ou o personagem Teleco, na dúvida sobre ser real ou imaginária a morte de ambos, o presente trabalho faz uma leitura sincrônica das obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, do suposto Realismo do século XIX, e *Teleco, o coelhinho*, de Murilo Rubião, obra da terceira fase modernista, apresentando em ambas o delírio diante da morte e da certeza de que a mortalidade cessa a produção de vida e a criação, e só é possível atingir a imortalidade pela invenção criativa da literatura. O Delírio, sétimo capítulo das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, é certamente uma das passagens mais enigmáticas da história das letras brasileiras. Nesse capítulo, vemos Brás Cubas em seu leito de morte, cercado de algumas poucas pessoas, sofrendo um delírio. Durante a alucinação, o protagonista primeiramente se vê transformado em barbeiro chinês e depois na Suma Teológica de Santo Tomás. Quando Brás Cubas retorna à forma humana, avista um hipopótamo que acaba servindo-lhe de cavalgadura. Depois de seguirem ambos em direção à origem dos séculos, Brás Cubas acaba encontrando-se com Pandora-Natureza e, em seguida,

desperta do delírio e vê o hipopótamo transformar-se em seu gato Sultão. Além do seu caráter enigmático, o capítulo em tela também representa exemplarmente a volubilidade narrativa machadiana. Teleco, o coelhinho, longe de parecer uma narrativa inofensiva, mostra uma metamorfose à maneira de Kafka, que desenreda uma sucessão de mudanças enigmáticas à frente de um impassivo narrador, que vê um coelho chegar à imagem de enormes lágrimas de um hipopótamo, à semelhança do delírio de Cubas, até a transformação final dele em humano.

SANDRA TRABUCCO VALENZUELA

Releituras Audiovisuais em torno de Edgar Allan Poe

O objetivo desta comunicação é propor a análise e o debate sobre as possibilidades de releituras contemporâneas sobre os contos de Edgar Allan Poe. Inserido no contexto de minha prática docente, uma das propostas de trabalho da disciplina “Estrutura de roteiros”, ministrada para alunos do 1º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Anhembi Morumbi – Campus, é a releitura audiovisual de contos de Poe. A transposição da linguagem literária requer a reflexão sobre a produção do roteiro literário, suas especificidades e adaptações necessárias à criação de uma nova narrativa, que permita o reconhecimento da fonte, mas também a composição de uma peça autônoma e particular. Para a discussão, serão apresentados quatro curtas: *Essência rubra*; *Pluto*; *À volta* e *Caso Rogêt*. As produções apresentam marcas que se ancoram na contemporaneidade e vivência cotidiana destes jovens, como questões de gênero, a banalização da violência e a solidão. O fantástico, o estranho e o horror integram-se à essa recriação do ambiente cotidiano. David Roas e Lovecraft iluminam a discussão teórica, enquanto Joseph Campbell, Robert McKee e Syd Field oferecem a sustentação teórico-prática concernente à produção de roteiros.

SEBASTIÃO JACINTO DOS SANTOS

Os Fantasmas Sociais e a Crise Política do Ser no Conto “D. José Não Era”, de Murilo Rubião

Objetivamos, nesta comunicação, demonstrar que a literatura de Murilo Rubião está extremamente integrada aos elementos sociais, que compõem a humanidade do ser e sua busca no campo político e social. Enquanto a realidade nos leva ao anseio da busca pela resolução das verdades e inverdades que são distribuídas pela comunidade, combater as falsas ideias

que resgatem as reais características adjetivas nossas, nos confluímos pelo ficcional, cujos atributos existenciais trazem à tona a figura de D. José. Ele é julgado pelos encontros e desencontros das personagens periféricas e marginais que se estabelecem no diálogo. Neste conto, Rubião expressa uma forma extremamente comum em sua escrita, que é dar margem a existência das personagens centrais dos contos, a partir da visão de personagens que estão à margem. Nesse sentido, D. José não tem uma existência própria a se pronunciar. Tudo que ficamos sabendo sobre as possibilidades de existência são meras especulações de outras personagens que não são aprofundadas no discurso. No conto “D. José não era”: todas as intrigas, julgamentos e a condenação antecipada que se remetem às intrigas políticas da população antecipam o clímax de inexistência. A comunidade malconduzida cria um amontoado de fofoqueiros, cujos cruzamentos se estabelecem entre realidade e ficção. Com lucidez, Rubião anuncia que “no momento estamos vivendo uma fase de transição das mais graves, porque não só estamos sem as liberdades essenciais, mas também economicamente estamos num beco sem saída. As crises econômicas levam às transformações sociais e políticas” (entrevista proferida a Elizabeth Lowe) e tudo isso destrói a existência que não era e não será. Neste caso, imaginário e fantástico se cruzam no psicológico, cultural, político e estético.

SELMA SIMÕES SCURO

Mistério e Enigma em torno do Gato Preto de Edgard Allan Poe

O Gato de Poe é uma figura enigmática que cruza as cenas provocando mudanças no comportamento do protagonista, que, descrito como um ser apaixonado por animais, passa a ter aversão a seu animal, chegando a arrancar-lhe um dos olhos e depois o enforca. Com o intuito de compreender esse percurso obscuro do gato, este trabalho tem por objetivo observar o movimento do gato na história e a sua relação com o místico e enigmático. Para tanto, será feito um breve panorama, ressaltando a evolução dos felinos; assim como a sua popularidade na história da humanidade, vinculando-o à feitiçaria e à bruxaria e as punições que lhes eram aplicadas entendidas como um meio de o demônio estar sob o controle da Igreja. Também farão parte deste trajeto os mitos e superstições que outrora perseguiam os gatos, em particular os gatos pretos, tanto nas culturas em que eles eram referenciados como divindades, como em outras em que eram associados ao demônio. O nome Pluto, as cores preto e branco e o elemento fogo também fazem parte deste itinerário místico.

TELMA REGINA VENTURA

Da Tradição à Contemporaneidade: O Fantástico em Edgar Allan Poe e Lygia Fagundes Telles

A presente comunicação tem por objetivo discorrer a respeito das diferenças e semelhanças entre a tessitura textual do escritor norte-americano do século XIX, Edgar Allan Poe, e da escritora brasileira contemporânea, Lygia Fagundes Telles, no que tange à produção contística de ambos, inserida na linha entre tradição e contemporaneidade do fantástico literário. Para tanto, será apresentado, inicialmente, um quadro histórico do gênero Conto Fantástico e suas características estruturais para, na sequência, evidenciar-se as conjecturas específicas do conto fantástico de Poe “A Queda da Casa de Usher” e de Telles, “Natal na Barca”. No século XIX, os maiores contistas universais (Maupassant, Poe, Machado) contribuíram para o estabelecimento do gênero ‘conto fantástico’; todavia, a partir do século XX, o conto perdeu seu caráter fantástico tradicional e passou a apresentar-se como o inverossímil, já que, com o advento da Psicanálise e do Movimento Surrealista, a irrupção no cotidiano do fator estranho tornou-se comum (SIMONSEN, 1987, p.17-18), como visto em Tchekov e Telles, por exemplo. Em Poe, o fantástico configura-se geralmente a partir da ação em ‘um país distante’, tendo ocorrido ‘há muito tempo’, ou mesmo associada a um fantasma ou elemento inanimado ou animal, e suas personagens, construídas de acordo com a indeterminação da moral ingênua, oscilando entre o crer e o duvidar do que ocorre ao seu redor. A linguagem e a atmosfera ambíguas, com o efeito de clausura psíquica, sem mobilidade, por parte das personagens, com uma ordem fora do tempo (a ideia de ‘há muito tempo’), induzem a um duplo movimento, sugerindo algo incompreensível que acontece mas que também se oculta, apresentando-se imerso e escondido, até que o ponto de virada ocorra e o final se anuncie. Entretanto, esse ‘algo’ não é um enigma, mas sim uma figura – uma figura que se oculta e aguarda, o Outro, um Outro exterior: um mundo fantástico. Por sua vez, a produção fantástica de Telles busca induzir o leitor a uma experiência única, que revela a verdade que estava submersa no cotidiano humano: ‘A visão instantânea que nos faz descobrir o desconhecido, não numa remota terra incógnita, mas no próprio coração’ (RIMBAUD apud PIGLIA, 2000, p. 94). O Outro, que estava presente na narrativa todo o tempo, submerso, e que assegura que a história se apresente irreal, subentendida, quase onírica, é o Outro que estava ali desde o início, visto que pertence ao próprio indivíduo – o Outro interior, tendo sido ele quem definiu os fatos. A existência desse Outro interior é condição para o final, desde que, a partir de sua configuração fronteira real-irreal, revela o Homem fantástico. Sua existência inverte o significado da trama, produzindo um efeito de perplexidade e assombro.

VALTEIR VAZ

Em Defesa do Insólito: Contribuições de Viktor Chklóvski e de Guimarães Rosa

Propõe-se, em linhas gerais, estabelecer uma intersecção entre a concepção de estranhamento (ostraniênie), de Victor Chklóvski, e a “poética” rosiana, segundo sua correspondência com a tradutora norte-americana, Harriet de Onís. A intenção é pôr em correlação as declaradas defesas de ambos no tocante à nota chocante, ao aspecto rebarbativo da linguagem literária; enfim, ao caráter insólito da literatura. De Chklóvski, elege-se como obra de referência seu ensaio de 1917, "A arte como procedimento"; já de Guimarães Rosa, seleciona-se a parte mais "teórica" de suas cartas remetidas à sua correspondente, aquela em que o ficcionista deixa transparecer o *modus operandi* de sua poética. A noção de insólito se ajusta tanto à teoria do estranhamento do crítico formalista russo quanto da poética do romancista mineiro.

CONVIDADOS

Ana Lúcia Trevisan

Possui graduação em Letras Português/Espanhol pela Universidade de São Paulo (1988), mestrado em Letras (Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana) pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado em Letras (Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana) pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Hispano-americana, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura comparada, narrativa latino-americana contemporânea, fronteiras e identidades culturais, relações dialógicas do discurso histórico e do discurso literário e os limites do fantástico e do mitologismo. Autora de *O espelho fragmentado de Carlos Fuentes* (São Paulo: Editora Mackenzie, 2008).

Anne Begenat-Neuschäfer

Professora catedrática na RWTH-AACHEN University, Alemanha. Livre-docente pela Philipps-Universität Marburg (1995). Possui doutorado em Letras pela Universidade Paris 8 Vincennes e Saint Denis (1998) e doutorado em Filologia Românica pela Philipps-Universität Marburg (1983). Autora, entre outras obras, de *Lodovico Dolce als dramatischer Autor im Venedig des 16. Jahrhunderts* (Frankfurt a.M.: Klostermann, 2004) e *De l'improvisation au rite. L'épopée de notre temps. Le Théâtre du Soleil au carrefour des genres* (Frankfurt a.M.: Peter Lang Verlag, 2002).

Aparecida Maria Nunes

É doutora (1997) e mestre (1991) em Letras, na área de Literatura Brasileira, pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo e pós-doutora em Estudos Literários (2015) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua como professora na categoria adjunto-III do curso de Letras e do mestrado em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas - Unifal/MG. Possui graduação em Letras - Português/ Inglês - pela Universidade de Mogi das Cruzes (1981) e, pela mesma universidade, recebeu o título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo (1978). Publicou o livro *Clarice Lispector jornalista* (2006), além de outros que organizou, para a editora Rocco: *Clarice na Cabeceira – jornalismo e Correio Feminino*. Líder do grupo de pesquisa Literatura, Linguagem e Outros Saberes (CNPq); tem experiência nas áreas de História e Letras, com ênfase em Narrativas de viagem, História e Literatura, Teoria da Literatura, Literatura Brasileira e Literatura Comparada. Realiza pesquisas principalmente nos seguintes temas: Narrativas de Viagem Medievais, Aspectos da Cultura Ibérica na Literatura Brasileira, Narrativas de Viagem na Contemporaneidade, Clarice Lispector, Literatura e Jornalismo, Imprensa Feminina, Indústria Cultural, Murilo Rubião, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, Bernardo Saturnino da Veiga, e Periodismo do século XIX no sul de Minas Gerais.

Aurora Fornoni Bernardini

Possui graduação em Língua e Literatura Inglesa pela Universidade de São Paulo (1963), graduação em Curso livre de língua russa pela Universidade de São Paulo (1966), mestrado em Letras (Língua e Literatura Italiana) pela Universidade de São Paulo (1970), doutorado em Letras (Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1973). É professora titular do DLO-FFLCH da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria e Crítica Literárias, atuando principalmente nos seguintes temas: Teoria e Crítica Literárias, Literatura Russa, Literatura Italiana, Literatura Comparada e Teoria da Narrativa, Semiótica Russa. Autora, entre outros, de *Literatura Italiana traduzida no Brasil 1900-1950* (Niterói - RJ: Editora Comunitá, 2013).

Celeste Henriques Marquês Ribeiro de Sousa

É pós-doutorada em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo/Universidade de Colônia (2000). Tem doutorado em Letras: Língua e Literatura Alemã também pela USP/Universidade de Colônia (1988) e mestrado em Letras (Língua e Literatura Alemã) pela USP (1979). Possui graduação em Letras: Língua e Literatura Alemã e Língua e Literatura Inglesa (1970) e graduação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (1971) pela USP. Tem licenciatura em Língua e Literatura Alemã, Língua e Literatura Inglesa (1970) e em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa (1971) também pela USP. Foi pesquisadora visitante do Deutsches Literaturarchiv Marbach; em Marbach-am-Neckar e da Stiftung Preussischer Kulturbesitz, em Berlin (1984). Foi pesquisadora (nível 2A) do CNPq de 1993 a 2001. Atualmente é professora Sênior do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo, que coordenou em 1996 e 1997. É coordenadora do grupo de pesquisa RELLIBRA (Relações Linguísticas e Literárias Brasil-Alemanha) - www.rellibra.com.br, credenciado na USP e no CNPq, onde desenvolve, entre outros, o projeto Literatura Brasileira de expressão alemã - www.martiusstaden.org.br. É membro do Centro de Estudos Alemães, ligado à Cátedra Martius de Estudos Alemães e Europeus. Tem experiência nas áreas de literaturas de língua alemã e de literatura comparada (imagologia, recepção, literatura de imigração, estudos culturais). Autora, entre outros, de *Criação e conflito* (São Paulo: Ateliê, 2010).

Cleber Araújo Cabral

Bacharel em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas, 2008), Mestre em Teoria da Literatura (2011) e Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, todos os títulos pela UFMG. De fevereiro de 2012 a dezembro de 2015, desenvolve atividades como professor (estágio docência REUNI) de Teoria Literária e Literatura Comparada no curso de graduação em Letras da UFMG. Ainda nesta instituição, atua como pesquisador do Núcleo de Estudos Literários e Culturais dos Acervos de Escritores Mineiros, órgão vinculado a Faculdade de Letras da UFMG. Organizador dos livros *Leite crioulo: edição fac-símile* (2012), *Em defesa do patrimônio: correspondência entre Manoel José de Paiva Júnior e Rodrigo Melo Franco de Andrade* (2013) e *Novo dicionário biográfico de Minas Gerais: 300 anos de história* (2013). O foco de suas investigações é a Literatura e suas relações com a História e a Memória Cultural. Principais temas de interesse: Teoria Literária, Literatura Brasileira, Literatura Comparada, História Cultural, Murilo Rubião, arquivos e acervos literários e culturais, correspondência de escritores, crítica biográfica, edição de documentos e de periódicos.

Dr. Morris

O paulista Dr. Morris tem sua trajetória musical associada ao teatro. Porém, sua grande fonte de inspiração sempre foi a canção brasileira. Talvez por ser filho de imigrantes e por ter nascido e vivido no caldeirão da Pauliceia, sua música acaba sendo de difícil classificação. Em 2009 lançou o CD “5” e desenvolve, desde então, um projeto de canções inspiradas em cada um dos 33 contos do escritor mineiro Murilo Rubião. Também atua como produtor musical de onde podemos destacar os projetos “Um Sopro de Brasil” e “Festanza”.

Eliana Bueno Ribeiro

Bacharel e Licenciada em Letras (Português Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade Federal Fluminense (1970), Mestre (1979) e Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989). Pós-doutorado em Literatura Comparada na Université de Paris III - La Sorbonne Nouvelle, em 1991 e 1992. Membro do PEN Clube do Brasil. Premiada no 3º Concurso Internacional de Monografias promovido pelo Ministério das Relações Exteriores com o ensaio Graciliano Ramos: a leitura do mundo. Atualmente Pesquisadora Associada ao Centro de Estudos Afrânio Coutinho, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Institut des Amériques da Université de Rennes. Foi Professor convidado na Università di Roma La Sapienza, na Université de Rennes 2 e na Université de Toulouse Le Mirail. Autora de *Tonico Pereira, um ator improvável*.

Flavio García Queiroz de Melo

Doutor em Letras pela PUC-Rio (1999) e mestre em Letras pela UFF, é professor Associado da UERJ e líder do Grupo de Pesquisa “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica”, certificado pela UERJ junto ao Diretório de Grupos do CNPq; participa do Grupo de Pesquisa “Vertentes do Fantástico na literatura”, certificado pela Unesp. Coordena o Grupo de Trabalho “Vertentes do Insólito Ficcional” junto à ANPOLL. Tem como principais áreas de atuação: Teoria Literária, Estudos Narrativos, Semiologia Literária, Literatura Comparada, Literaturas Comparadas de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (em especial a Moçambicana), Literatura Galega e Metodologia da Pesquisa Científica. Realiza estágio de pós-doutorado pela Universidade de Coimbra. Autor, entre outros, de *Discursos fantásticos de Mia Couto: mergulhos em narrativas curtas e de média extensão em que se manifesta o insólito ficcional* (Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013).

Franklin Larrubia Valverde

Possui graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1982), mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana pela Universidade de São Paulo (1992) e doutorado em Ciências da Comunicação, área de concentração Jornalismo, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2006). Atualmente é professor na FATEC-Tatuapé e nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda na Estácio/UniRadial. Foi professor do mestrado interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação da Universidade São Marcos. Atuou como professor no curso de Propaganda e Marketing da UNIP, ministrando aulas na área de Criação e Produção em Áudio e Vídeo. Também foi coordenador dos cursos de Comunicação Social da Universidade São Marcos e da Estácio/Uniradial. É editor da revista online www.ondalatina.com.br, além de ter sido apresentador do programa Debate Aberto, da TV São Marcos, no CNU-São Paulo. Autor, entre outros, de *Banco de versos*. (São Paulo: Terceira Margem, 2009).

Gênese Andrade da Silva

Graduada em Letras (Português/ Espanhol) pela Universidade de São Paulo (1991), Mestra em Letras (Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) pela Universidade de São Paulo (1995) e Doutora em Letras (Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) pela Universidade de São Paulo (2001). Realizou pós-doutorado em Letras (Literatura Comparada) na Unicamp (2006-2011). Dedicar-se ao ensino e à pesquisa em Literatura Hispano-Americana, Literatura Espanhola, Literatura Brasileira e Literatura Comparada, com ênfase nos seguintes temas: poesia latino-americana, estudos interartes, crítica genética, Octavio Paz, Oswald de Andrade, Pagu, Haroldo de Campos, Jorge de Lima. Atua também como tradutora. Autora, entre outros, de *Pagu/Oswald/Segall* (São Paulo: Museu Lasar Segall; Imesp, 2009).

Helena Bonito Couto Pereira

Doutora em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (1995). Fez estágio pós-doutoral na Universidade da Califórnia em Riverside (2006). É docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, instituição em que desempenha a função de Decano (Pró-Reitora) de Pós-Graduação e Pesquisa. Interesses em pesquisa: literatura brasileira, ficção contemporânea, pós-modernismo e adaptação cinematográfica. Coordena o Grupo de Pesquisa “Literatura no contexto pós-moderno”; na UPM é Editora Acadêmica da Revista Todas as Letras. É filiada à Abralic - Associação Brasileira de Literatura Comparada; à ICLA – International Comparative Literature Association; à AIL - Associação Internacional de Lusitanistas. Representa a UPM junto à ABEU - Associação Brasileira de Editoras Universitárias. Autora/organizadora, entre outros, de *Ficção Brasileira no Século XXI: Terceiras Leituras* (São Paulo: Mackenzie, 2013).

José Maria Rodrigues Filho

Bacharel em Letras pela Universidade de Mogi das Cruzes (1974), graduado em Direito pela Universidade Braz Cubas (1974), com especialização em Estudos da Linguagem pela Universidade de Mogi das Cruzes (1974) e doutorado em Letras (Est. Comp. de Liter. de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é Professor colaborador da Universidade de Mogi das Cruzes e Monitor da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras. Atua principalmente nos seguintes temas: Branquinho da Fonseca, estudo temático-comparativo. Autor, entre outros, de *O Barão, de Branquinho da Fonseca - De sua Fortuna Crítica a um Estudo Temático Comparativo* (Lisboa: Imprensa Nacional - Casa a Moeda, 2008).

Lica Hashimoto

Graduação em Letras Japonês Português (USP), Mestrado em Letras (Língua, Literatura e Cultura Japonesa, USP, 2004) e Doutorado em Literatura Brasileira (USP, 2013). É docente do curso de Letras Japonês e do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa (FFLCH-USP). Atualmente, ocupa o cargo de coordenadora do curso de Japonês e é vice-chefe do Departamento de Letras Orientais. É autora de livros e artigos relacionados à Língua, Literatura Japonesa e Literatura Brasileira; é tradutora de obras da literatura japonesa, do clássico ao contemporâneo. No campo da pesquisa, atua nas áreas de Literatura Japonesa, Literatura brasileira e Tradução.

Marcos Antonio de Moraes

Possui graduação em Letras (Linguística, Português e Francês) pela Universidade de São Paulo (1991), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1997) e doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente é pesquisador e docente do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Historiografia Literária Brasileira, desenvolvendo pesquisas nos seguintes campos: epistolografia brasileira, memorialismo brasileiro, modernismo brasileiro, obra de Mário de Andrade, crítica genética e textual. Membro da Equipe Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros. Autor, entre outros, de *Mário e o Pirotécnico Aprendiz: Cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião* (Belo Horizonte: UFMG/IEB/GIORDANO, 1995).

Maria José Pereira Palo

Possui graduação em Língua e Literatura Vernáculas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1970), mestrado em Comunicação e Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1977) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994). Leciona Literatura Brasileira no Curso de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura infantil, ilustração, ficção moderna e contemporânea. Pesquisa os Impasses da Narrativa e do Narrador na Modernidade, com Projeto atual denominado: A fragmentação do dito nos eventos de linguagem escrita: a fabulação do século XX e XXI (Projeto CAPES). Autora/organizadora, entre outros, de *Agamben, Glissant, Zumthor: Voz. Pensamento. Linguagem* (São Paulo: EDUC-SP, 2013).

Maria Rosa Duarte de Oliveira

Possui mestrado em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com a dissertação “A Escritura Semiótica de Memórias Póstumas de Brás Cubas”, e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com a tese “João Goulart na Imprensa de Personalidade a Personagem”. Atualmente, é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde ministra a disciplina de Teoria Literária no Curso de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária. Tem vasta experiência na área de Letras, especialmente em Teoria Literária e Literatura Brasileira, com pesquisas e publicações em livros e periódicos especializados, nacionais e internacionais, sobre as seguintes temáticas: Machado de Assis; processos de narratividade; narrador, autor e leitor; narrativas modernas e contemporâneas; linguagem poética; escrita, corpo e voz; efeito estético. Algumas publicações recentes: *Agamben, Glissant, Zumthor: Voz. Pensamento. Linguagem* (2013) e *Machado de Assis? contos para muitas vozes* (2015), edição bilingue (português-espanhol). É editora científica, desde 2008, da Revista digital FronteiraZ, do Programa de Pós-graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, e líder, desde 2004, do Grupo de Pesquisa “O narrador e as fronteiras do relato”, inscrito no diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - CNPq.

Rita de Cássia Silva Dionísio dos Santos

É doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (2011); é mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005), graduada em Letras Português/Inglês (2000) e em Ciências Sociais (1992) pela Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes. É professora nos cursos de Graduação em Letras e Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes. Integra o Corpo Docente do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), constituído pela Rede Nacional de Instituições de Ensino Superior. Membro da Comissão Técnica de Concursos - COTEC, da Universidade Estadual de Montes Claros. Faz parte do Grupo de Pesquisas em Estudos Literários-GEL da Unimontes e do Grupo de Trabalho-GT Vertentes do Insólito Ficcional, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística-ANPOLL. Atua principalmente nos seguintes temas: Literatura Brasileira, Literatura Brasileira Contemporânea, Literatura Comparada, Insólito ficcional, Literatura de Minas Gerais, Escritoras de Minas Gerais, Literatura infantil e juvenil, Leitura do texto literário e formação do leitor. Autora/organizadora de *(Re)Visões do maravilhoso e do fantástico nas interfaces da literatura infantil e juvenil: sempre há uma vez...* (Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015).

Sandra Regina Chaves Nunes

Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo (1987), mestrado (1996) e doutorado (2002) em Comunicação e Semiótica: Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com orientação do Prof. Dr. Arthur Rosenblat Nestrovski. Pós-Doutorado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007), sob a supervisão da Prof. Dra. Eneida Maria de Souza. Pós-doutorado em Humanidades, Direitos e outras legitimidades pela Universidade de São Paulo, sob supervisão da Profa. Dra. Zilda Iokói. Autora do ensaio biográfico sobre Murilo Rubião, em www.murilorubiao.com.br. Pesquisadora do Diversitas/USP e Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades, do Diversitas/USP. Professora de Literatura, da Fundação Armando Álvares Penteado e de Comunicação e Expressão da Fatec. Atuou como Técnica em Desenvolvimento Organizacional da Fundação do Desenvolvimento Administrativo - FUNDAP.

Sandra Regina Kuka Mutarelli

Possui graduação em Matemática pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Magistério do Ensino Superior pela Universidade Paulista - UNIP, Mestrado em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2014). Atualmente é diretora do campus Cidade Universitária da Universidade Paulista - UNIP e coordenadora dos cursos de Administração e Superiores Tecnológicos em Gestão.

Susana Ventura

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Trabalha com Literatura, Língua e Cultura dos Países de Língua Portuguesa. Tem publicações sobre as literaturas contemporâneas produzidas no Brasil, Portugal, Cabo Verde, Angola e Moçambique. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Literatura para Crianças e Jovens e Ensino da Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: relações entre Literatura e História, estudos comparados de literaturas de língua portuguesa, literatura infantil e juvenil, romance dos séculos XIX a XXI nos países de língua portuguesa, literatura portuguesa, literatura brasileira e literaturas africanas de língua portuguesa, ensino e difusão da cultura em português e ensino do português como Língua de Herança. Escritora dedicada à produção de livros para crianças e jovens, com ênfase em trabalhos a partir de narrativas da cultura popular dos países que têm o português e o castelhano como línguas oficiais. Coordenadora, editora e curadora de coleções de livros para crianças e jovens. Curadora, coordenadora e consultora de projetos envolvendo a Língua Portuguesa e sua particularidade em cada país e região que têm o português como idioma oficial.
